

REVISTA CATHARINENSE

ASSIGNATURAS : SEMESTRE 5\$000	REDACÇÃO E OFFICINAS Rua Conselheiro Jernymy n. 1	PUBLICAÇÃO MENSAL
-----------------------------------	--	-------------------

Politica Catharinense

Os partidos Christão e Judeu

ENTRE outras medidas tomadas pela municipalidade desterrense attinentes ao aformoseamento da capital, por ocasião da esperada visita que, em 1845, fizeram á Provincia Suas Magestades Imperiaes, enumerava-se a da remoção da “banca” e das “barraquinhas” onde se expunham á venda o pescado e outros generos de consummo.

Agrupadas sem ordem e sem hygiene, juntas á praia, no antigo Largo do Palacio, marcou-se-lhes para novo local o terreno então baldio que, proximo á Ponte do Vinagre, caminho do Menino Deus, se estendia em direcção ao Hospital de Santa Barbara.

Aproveitando-se da circumstancia de estar a praça limpa daquellas ligeiras e anti-estheticas construcções, que tanto afeivavam o principal logradouro do Desterro, lembraram-se alguns dos edis de estabelecer, ali, o mercado publico.

Foi tal plano thema obrigado á discussão que se generalizou por toda a cidade. Propugnava um grupo, á cuja frente se encontravam os irmãos Luz (João, Jacintho e José Maria), para que se levantasse o edificio no ponto onde effectivamente se construiu e cuja demolição se deu, ha cerca de 20 annos. Estribados no argumento de que a população já se havia habituado ao local então escolhido, batiam-se outros, que acompanhavam Amaro José Pereira e Francisco Duarte Silva, no sentido de ser o mercado edificado onde se achavam as referidas “barraquinhas”.

Acirrado dia a dia, explodiu tão violentamente esse dissidio que se transformaram os divergentes em adversarios irreconciliaveis, ao avisinhar-se o pleito eleitoral para o preenchimento, na 7ª. legislatura, da unica cadeira que á Provincia cabia na representação nacional.

Desse desaccôrdo, que profundo sulco abriu na família catharinense, surgiram “dois partidos exclusivamente eleitoraes que se esforçaram para o triumpho dos seus candidatos á deputação á assembléa geral, por affeições pessoas, sem proclamarem idéas, principios ou systemas de administração provincial”, segundo escrevia, treze annos depois, o principal redactor d’*O Cruzeiro do Sul*, com o autorizado testemunho de quem fôra parte proeminente em tão acirradas luctas.

Iniciava-se, assim, o grande duelo entre liberaes e conservadores, que se prolongaria por 42 annos, e a que pôz fim a implantação do actual regimen aos 15 de Novembro de 1889.

Registaram, então, os fastos da politica catharinense o apparecimento dos primeiros partidos : « Christão » e « Judeu » ; este, chefiado por Amaro José Pereira, que recommendava a reeleição de Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho ; aquelle, dirigido por João Pinto da Luz, que erguia o nome do Dr. Joaquim Augusto do Livramento como bandeira de guerra á candidatura do ex-Ministro do Gabinete de 2 de Fevereiro.

Quem era e de onde vinha o novel lidador que se atrevia a penetrar a arêna dos combates, terçando armas com o politico de larga envergadura, já acclamado em memoraveis justas politicas, tendo enfrentado galhardamente notaveis parlamentares nas duas casas da representação nacional ?

Era elle um filho da mesma Provincia, que acabava de terminar o curso juridico na Academia de S. Paulo, e dessa Capital, o coração cheio de fé, transbordante de esperanças, vinha, resolute e corajoso, dedicar-se ao serviço da terra natal.

Como o seu illustre competidor, não desdenhava a imprensa ; e no orgão do seu partido afeiava, com maestria, as armas para os golpes formidaveis que desferia, ao lado do seu joven collega, Dr. Francisco Honorato Cidade, outro jornalista de valor.

Prestigiosos pela fortuna e pelas relações que mantinham em toda a Provincia, os irmãos Luz, João Pinto á frente, abalisado mestre na tactica politica, propunham os planos que levariam o seu partido á victoria ; e, entre os que mais se destacavam na tenda onde se arvorava a imprensa « christã », surgia a figura sympathica do Padre Joaquim Gomes de Oliveira Paiva, que tinha o segredo de transformar a penna em clava justamente temida.

Nas fileiras não menos aguerridas do partido “ Judeu ” occupava o mais saliente logar da vanguarda o respeitavel Tenente-Coronel Amaro José Pereira ; e no jornal dessa aggremação nin-

guem se animava a pretender o logar que, “primus inter pares”, conquistára Marcellino Antonio Dutra, cujos golpes, desferidos com arte, eram com habilidade aparados pelo arguto contendor.

A’ musa do “Padre Cantiga” enfrentava com galhardia a do “Poeta do Brejo”.

Em poucos dias, tornaram-se popular a « Assembléa das Aves » poemeto em que o satyrico ex-mestre escola do Ribeirão, desforrando-se dos ataques tremendos dos seus antagonistas, realçava os méritos dos co-religionarios, classificando Jeronymo Coelho — de « Cysne », e deprimia os adversarios, comparando a um « Quero-Quero » o candidato do partido « Christão ».

Ficou memoravelmente assignalado nos fastos politicos esse pleito, « cujos brados » — commentava um contemporaneo — « repercutiram por toda a parte e, por algum tempo, fixaram sobre a Provincia a attenção de todo o Imperio ».

A denominação de « Judeu » ao partido de Jeronymo Coelho fôra habilmente explorada pelos contrarios, que concitavam o elemento feminino a não permitir que os filhos, os maridos e os paes se enfileirassem entre os correligionarios do illustre catharinense.

Por sua vez, contra o partido “Christão” atirava-se a pécha de ingrato e impatriotico, por combater a candidatura de um parlamentar de nomeada, com reaes serviços á Provincia, preferindo-lhe um nome até então desconhecido, de problematicos méritos.

“Esforços inauditos, incriveis, foram empregados de parte a parte, como si se tratasse de uma questão de vida e de morte”, relata ainda o informante alludido linhas acima.

Em 2 de Março, a bordo da corveta *Bertioga*, procedente da Côrte, aportava á Capital o ex-Ministro da Guerra, candidato “Christão”, a quem *O Brazil*, do Rio de Janeiro, em edição do mez seguinte, vaticinava a derrota, “apezar de ter o governo posto á mercê do seu candidato todos os recursos administrativos para aguentar-se”. No intuito de auxiliar o seu velho amigo, tambem chegava ao Desterro o Senador Mafra, que começou pela freguezia da Lagôa a sua excursão eleitoral. Por esse mesmo tempo, fazia o partido « Christão » memoravel reunião em S. Miguel, a ella concorrendo mais de 500 cidadãos.

Diante das consecutivas queixas que recebia, o presidente baixou á Guarda Nacional uma « Ordem » para que se mantivesse imparcial no pleito, medida essa que, de certa fôrma, suavizou a má impressão que occasionára a tentativa de dissolução da sociedade « christã », organisaada, no Desterro, especialmente para fazer a campanha eleitoral.

Em toda a Provincia reflectia-se o desusado movimento da Capital.

Em S. Francisco do Sul, o Coronel Francisco de Oliveira Camacho reunia os seus adeptos, enquanto que o seu émulo, o Tenente-Coronel Antonio João Vieira, convocava os elementos de que dispunha para enfrentar, afinal, com mal seguro êxito o prestigioso chefe adversario.

A' voz autorisada do Coronel Agostinho Alves Ramos, em Itajahy, cuja influencia se estendia daquella villa á de Porto Bello, corria a postos o chefe local da antiga Colonia Ericeira, Major Francisco de Souza Medeiros.

Em S. José, o Tenente-Coronel Joaquim Xavier Neves punha-se em campo, com o enthusiasmo que lhe era peculiar em se tratando de pleitos eleitoraes.

Na Laguna, que se estendia dos limites meridionaes de S. José ás margens do Mampituba, extrema da Provincia com a de S. Pedro do Rio Grande do Sul, os chefes secundavam os esforços dos dois directorios centraes na cidade do Desterro: e todo o vasto territorio de Lages, que desde 1820, desmembrado da Capitania de S. Paulo, se annexára á Santa Catharina, ouvindo as vozes de commando dos dois chefes politicos, os Tenentes-Coroneis Souza e Cordova, este "judeu", "christão" aquelle, fremia do mesmo enthusiasmo dos combatentes de serra abaixo, cujos brados galgavam as abruptas montanhas, ecoando até ás mais remotas moradias de eleitores, léguas e léguas além.

Recurso algum foi esquecido para a conquista da palma da victoria. Si se souber que se expediram para o Rio de Janeiro e varias provincias embarcações em buscas de votantes, ter-se-á feito pallida idéa da desusada faina que tão violentamente movimentou a pacatez proverbial da terra, no ainda relembrado pleito "a que ninguem era indifferente, por compromettidos que todos estavam".

Rezam as chronicas do tempo que « nós velhos, nas mulheres e nas creanças lavraram as mesmas paixões que nos homens feitos ». E a isso eram arrastados pela catechese de cada dia, de cada hora, de cada minuto, nos domicilios, no recesso da familia, para onde eram levados os argumentos expostos em conferencias, nas praças publicas, nas quaes os logares-tenentes dos dois partidos em lucta, ostentando, com distinctivos, fitas brancas e pretas nos chapéos — enalteciam os meritos dos respectivos candidatos.

Não escondiam os bem informados dos aprestos para a grande

batalha que os irmãos Luz haviam destinado a consideravel somma de quarenta contos de réis para as despesas eleitoraes.

Ao pleito presidira o Brigadeiro Antero de Britto, que, já deixamol-o dito, administrava a Provincia desde 1840.

Que correctã fôra a attitudo desse general deprehende-se do seguinte trecho de um artigo publicado no « Jornal do Commercio », do Rio de Janeiro, em 1856, ao fallecer o velho servidor da Patria, e transcripto nas « Notas para a Historia Catharinense » do Capitão-Tenente Lucas Alexandre Boiteux: « Um só homem havia calmo e sereno, sobranceiro aos perigos da lucta e ás allucinações do enthusiasmo, fitando sem pestanejar a borrasca que parecia formar-se no horisonte. Este homem era o general Antero. As pessoas de sua intimidade, quasi todos os funcionarios publicos em relações mais directas com a presidencia, pertenciam a uma das parcialidades, a que foi vencida. »

« Receiosos do êxito da lucta e de suas consequencias quanto á tranquillidade publica, solicitaram, e talvez de muito boa fé, a intervenção da autoridade como um meio de segurança e de ordem. Concede-se facilmente quantas suggestões não seriam empregadas para leval-o a dar esse passo; quantas instancias em nome de antigas relações das pessoas da situação, da paz publica prestes a ser compromettida, da responsabilidade que elle tomaria sobre os hombros.

« Pois bem. Todas essas seducções, tão poderosas sobre o coração humano e sobre os brios da autoridade, foram improficuas e tiveram que recuar ante a energia do homem forte, como a onda de encontro á rocha que se ergue do seio dos abysmos. Um dia, pessoa muito conspicua e com elle relacionada havia longo tempo, procurou convencel-o, se não da conveniencia de intrevir na eleição, ao menos da necessidade de requisitar ao governo imperial a força precisa para fazer respeitar a autoridade, visto como nenhuma havia disponivel.

« Desenganado, depois de muito instar, de não poder conseguir o que desejava, perguntou por fim: « E si no acto da eleição occorrer algum motim armado, com quem conta V. Exa. para o supplantar? — « Com aquelles que não o fizeram », respondeu o general. »

Realizadas as eleições, nos dois turnos, na conformidade da lei n. 387 de 19 de Agosto do anno anterior, vencia o Dr. Livramento, com a maioria de 50 votos sobre o seu eminente competidor; 89 votos haviam suffragado o nome do candidato « christão »,

emquanto que só pudera alcançar 39 o Conselheiro Jeronymo Coelho. Com excepção dos da Laguna e suas freguezias, dos da Lagôa e Rio Vermelho, ambos do município da capital, e do de Lages, em todos os demais collegios eleitoraes da Provincia vencer a candidato da familia Luz

Voltava-se a Provincia, finalisado o pleito de 7 de Novembro para tres individualidades, olhando-as com respeitosa admiração.

Uma dellas era o presidente Antero; a attitudo que mantivera em todo o periodo da lucta, mais avultando por promanar do amigo de um dos candidatos, justamente aquelle a quem a victoria não bafejara, commentava-a toda a gente como facto unico occorrido na Provincia, desde quando ali se fizera a primeira eleição.

Amaro Pereira e João Pinto eram as outras duas, que se estendiam as mãos, dando o mais bello exemplo a quantos se haviam envolvido e, por ventura, tivessem de se envolver nas refregas partidarias. Dos planos que Amaro tinha engendrado, fitando o almejado triumpho; dos recursos de que João Pinto lançára mão, visando a obtida victoria, não se originára o menor attricto entre esses dois valorosos chefes politicos, que tão encarniçadamente se haviam combatido.

Eram bem dignos um do outro os dois grandes generaes dessa campanha; e, como em 1847, terçaram sempre armas até Setembro de 1866, quando falleceram.

Enfrentavam-se nas mais renhidas luctas e dellas sahiam cada vez melhores amigos; entretinham-se demoradamente em intimas e cordeaes conversações e despediam-se cada vez mais irreconciliaveis adversarios!

José Boiteux.

Julho de 1914.

O PENSAMENTO

O pensamento, luz da intelligencia, clarão mysterioso que nasce do desconhecido, é a base de todos os progressos humanos, é o trabalho mais fecundo do espirito, é a synthese do nosso ser moral, é a inspiração tendo uma fôrma definida; em uma palavra — o pensamento é o homem. Entretanto bem limitado seria o valor desse filho sublime do cerebro, se houvesse impossibilidade de se o trasmittir aos sentidos, se elle não se podesse communicar de homem a homem. Torna-se-ia estéril, semelhante a uma flor que, vegetando num espaço muito restricto, fannar-se-ia em pouco tempo, sem proporcionar a visão e ao olfacto as delicias da sua contextura.

G. A. Mann.

GEOLOGIA DE

SANTA CATHARINA

POR CARLOS VAN-LEDE

(*Continuação de fls. 203*)

A parte da Serra Geral que está nas circumvisinhanças de Villa Rica, a Serra do Espinhaço, pela sua elevação (2.000 metros) parece ser o nucleo principal da formação geologica brasileira. Em qualquer outra parte não se elevam os ápices acima de 1.400 metros, e raramente attingem 1.000.

A parte da Serra Geral, que atravessa a Provincia de Santa Catharina, eleva-se ao norte desta provincia a perto de 1.000 metros acima do nivel do mar, emquanto que ao sul não chega a 800 metros.

A direcção constante dos differentes grupos de formação granitica, que vimos de descrever, e cujo complexo não tinha ainda sido encarado como o fizemos, demonstra claramente que o declive norte e sul da parte do solo brasileiro que elles occupam (160.000.), não apresentará obstaculos sérios á navegação ou a qualquer outra via de comunicação nesta direcção; emquanto que em a de leste a oeste encontrar-se-ão difficuldades talvez invenciveis, a menos que, por uma dessas excepções que a natureza parece crear ás vezes de proposito, não se possa passar de uma bacia para outra, por alguma garganta ou desfiladeiro. Ora, a darmos credito ás informações mais autorisadas que colligimos, confirmadas pelos trabalhos que legaram os antigos exploradores portuguezes, uma tal feliz circumstancia se dá na provincia de Santa Catharina, aos 27º de latitude, resultando disto que o Itajahy, cujas nascentes estão nos Campos Geraes, poderá vir a passar por uma destas gargantas, que não só dá transito a carros, mas se converteria ainda em via navegavel. Realisando-se uma tal circumstancia, seria de um porvir immenso para esta provincia e para toda a parte do imperio que está ao sul dos grupos supracitados.

Volvamos ao nosso assumpto: na porção central da provincia de Santa Catharina, desde o oceano até junto á Serra Geral, o declive médio pode avaliar-se em 300 metros sobre 155 kilometros de comprimento, cerca de 0,24 por cento. Verdade é que esta declividade não é uniforme. Só a grandes distancias das suas fozes é

que se começa a encontrar despenhadeiros e cascatas nos rios que vêm desaguar no littoral, aumentando em numero e em força junto ás nascentes, de sorte que os rios da Provincia a poucas léguas dos nascentes tornam-se navegaveis. No geral, desde que acabam os despenhadeiros, são os rios navegaveis; segue-se depois um salto para então tornarem-se completamente navegaveis até ás embocaduras, as mais das vezes obstruidas por bancos de arêa, que aliás podem facilmente ser removidos na sua parte das Barras: assim se chama a estas fozes.

O contraforte de conformação granítica da Serra Geral, que vae terminar no oceano pela Serra Cambirella, expellindo muitos ramos para o nascente, divide o grande valle longitudinal em duas partes distinctas, quer se as considere pelo lado hydrographico, quer geognosticamente. Elle e suas ramificações alimentam ao norte o Itajahy Mirim, o Tijucas Grande e o Cubatão; ao léste o Massiambú, Embaú e Garopaba: ao sul os Una, Capivary, o Braço do Norte e muitos affluentes do littoral, e da Laguna de Villa Nova. A Serra Geral alimenta a léste o S. Francisco, e todos os seus affluentes, e os Itapacú, Itajahy Grande, Itajahy Mirim, Tijucas Grande, Tubarão, Maruhy e os numerosos affluentes de cada um delles. Muitos outros rios desta mesma encosta têm as suas nascentes em pequenas cordilheiras do interior, inteiramente distincta da grande: taes são os rios Bôbos, Biguassú, Inferninho, Quebra-Cabaço, Maruhy, Paca, Biraquera e outros muitos, que seria longo e fastidioso relatar. Afóra a cordilheira que vimos de descrever, outras elevações de menor importancia se encontram na provincia a que se dá ora o nome de serra, ora de morro. E' assim que se encontram ao longo do caminho do Desterro para Lages, pelo campo da Boa Vista e Trombudo, os morros Grande, da Taquara, da Espera nas circumvisinhas do Itajahy Grande, o Bahú, os morros Estaleiro das Nãos, da Fortaleza, da Pedra de Amolar e a Serra dos Pinheiros.

Pelo littoral encontram-se os morros do Itajahy, da Taquaraçatuba, das Garopas, e muitas outros, que seria inutil citar. Exceptuando os morros da Pedra de Amolar e dos Conventos, todos os mais são de formação granítica. Para o diante estudar-lhe-emos a formação geologica e proseguiremos nas pesquisas hydrographicas.

III

HYDROGRAPHIA

O rio de São Francisco do Sul, depois de engrossado pelas seus numerosos contribuintes, vai desaguar no mar por duas em-

bocaduras, entre as quaes está a liha de São Francisco, cuja superficie avalia-se em 10 léguas quadradas. O braço septentrional, que se dirige para o nordeste, tem muita agua; de quatro a oito braças portuguezas, ou oito a dezoito metros na ancoragem, que está defronte da villa de São Francisco, a duas léguas do mar. Este porto não é abrigado do vento nordeste, aliás pouco perigoso; mas tem sufficiente profundidade; e os navios podem subir até muito além, quasi junto ao das tres Barras. Em toda a sua extensão tem abrigos seguros, e se ainda conserva o ancoradouro defronte de S. Francisco, é por ser esta villa o centro dos negocios daquelle districto. Na embocadura deste braço a sua profundidade reduz-se, em marés baixas, a 3 1/2 braças, 7^m 66; mas á pouca distancia dahi, nas ilhas Garcias, ha um excellente porto para os navios do mais alto bordo e abrigado dos ventos que se poderiam temer.

A largura deste braço varia entre 2.500 e 6.600 metros. O segundo braço, o rio Aracari, dirige-se para sudoeste; está obstruido na sua foz por um banco de areia, e seria perigoso tentar navegal-o em vaso que demande mais de 2^m 70; tem a largura de quinhentos metros.

Pelo Itapeçú pode-se subir-se até a uma grande distancia da foz, em canôas ou qualquer outra embarcação ligeira; porém a sua embocadura, que é de trinta e tres metros de largura e dois de profundidade, não dá passagem, de sorte que não é frequentada. Tem as suas nascentes na Serra Geral no pico do Icomba e Ajuapea: não se lhe conhece ainda o seu curso.

Continúa).

Sómente o povo que emprega bem seu tempo é que pôde considerar-se povo rico. — **Frederico Passi.**

A concurrencia é o meio mais capaz de compellir o interesse pessoal a trabalhar pelo interesse geral. — **Reveillère.**

Quanto mais se examina com attenção a historia, mais se vê quanto se enganam os que imaginam que a nossa época tem creado novas miserias sociaes. A verdade é que essas miserias são antigas: o que é novo é a intelligencia que as descobre e a humanidade que as supporta. — **Macaulay.**

DE PORTO ALEGRE A LAGUNA

(Continuação da pag. 211)

ORÇAMENTO DAS DESPEZAS

1º. — Construcção de 16 ranchos, ou pousos.

9 pousos de Porto Alegre até Torres a 4:600\$000	41:400\$000
7 ditos das Torres á Laguna a 4:600\$000	32:200\$000
	73:600\$000

2º. — Serviço de passagens nos passos dos rios e lagôas.

Cada serviço de passagem deverá ser composto de uma grande barca própria para transportar promptamente passageiros, animaes, carretas, etc., e de duas pequenas canôas, orçado cada serviço em 800\$000 réis, a saber:

Na provincia do Rio Grande do Sul.

Passo da Lagôa Tramandahy	} 1:600\$000
Dito do rio Mampituba	

Na provincia de Santa Catharina.

Barra do Rio Araranguá	} 3:200\$000
Dita do Urussanga	
Dita do Camacho	
Dita da Laguna	
	4:800\$000

3º. — Potreiros em numero de 16, a saber:

9 potreiros de Porto Alegre até ás Torres a 400\$000	3:600\$000
7 ditos das Torres até á Laguna a 400\$000	2:800\$000
Estes potreiros não terão menos de 100 braças em quadro.	

4º. — Diferentes obras e concertos.

Melhoramento do Passo do Sabão, na Estrada do Meio, caminho de Porto Alegre para Viamão	600\$000
Aterro de um atoleiro na mesma Estrada do Meio	200\$000
Do lado da provincia de Santa Catharina, uma ponte de madeira no arroio das Aguas Claras, que desagua no rio Mampituba, para dar passagem e seguir logo a estrada pela costa do mar.	2:000\$000

5º. Utensillios

Haverá em cada pouso :

18 mochos, 6 bancos, 18 barras, 2 tinas, 6 barris, 2 candieiros, 4 lampeões, 8 castiças, 6 canecas de folha, e 2 talhas; — 3 fouces, 4 facões, 2 machados, 2 serrotes, 1 carretilha, 2 peças de corda de linho fino, 2 laços, tudo orçado em 300\$000 réis para cada ponto, sendo: 16 a 300\$000 réis. 4:800\$000

6º — Pessoal em cada pouso

Empregados	Despezas de vencimentos por mez	
	Ordenado sendo paisano	Gratificação sendo militar
1 Encarregado geral	40\$000	25\$000
2 Guardas (a 25\$ ou 10\$ por mez)	50\$000	20\$000
1 Servente	20\$000	8\$000
	110\$000	53\$000
EM CADA PASSAGEM		
1 Passageiro	25\$000	10\$000
1 Ajudante	20\$000	8\$000
	45\$000	18\$000

Despesa média com o pessoal em cada um dos 16 pousos, suppondo metade paizanos e metade militares, a 8\$500 rs. por mez cada um: por anno 15:648\$000

Despesa média nos 6 pontos em que ha passagem, a 31\$500 rs. por cada um: no anno. 2:268\$000

Despesa de todo o pessoal no anno. 17:916\$000

Concertos e reparos por anno, em cada ponto, a 100 rs. 1:600\$000

Custeio annualmente. 19:516\$000

Póde-se dispensar por ora 7 pontos menos urgentes, a saber: os de ns. 1, 4, e 9, na parte pertencente á provincia do Rio Grande, e os de 1, 3, 5 e 7 na parte do territorio de Santa Catharina; e a despesa com o material e pessoal dos outros 9 pontos, que se devem construir desde já, 6 na provincia do Rio Grande, e 3 na de Santa Catharina, ficará reduzida para esses 9 pontos a 55:000\$ rs. e a do custeio por anno a 11:970\$ rs. com otudo melhor se vê na seguinte demonstração, a saber :

**Resumo do orçamento da despesa precisa
para montar e custear todas as 16
postas que se tem de estabelecer,
ou somente as 9, a que por ora
pode-se reduzir:**

No Rio Grande. — 9 postas, 41.400\$000. 2 passos, 1.500\$000. Concertos em diversos logares, 800\$000. Potreiros, 3.600\$000. Utensilios para os pousos, 2.700\$000. Total orçado para 16 postas, 50.000\$000. Total para o numero de postas reduzidas a 9 nas duas provincias, 34.100\$000.

Em Santa Catharina. — 7 postas, 32.200\$000. 4 passos, 3.000\$000. Concertos em diversos logares, 2.000\$000. Potreiros, 2.800\$000. Utensilios para os pousos, 2.100\$000. Total orçado para as 7 postas, 42.100\$000. Total para o numero de postas reduzidas a 9 nas duas provincias, 20.900\$000.

Total geral para as duas provincias. — 16 postas, 92.100\$000. 9 postas, 55.000\$000.

**Resumo da despesa com o pessoal e cus-
teio ordinario por anno para as
16 postas, ou a que se tem de fa-
zer resumindo-se por ora o seu
numero a 9.**

No Rio Grande. — (Pessoal) 9 pousos, 8.802\$000. 2 passos, 756\$000. (Material). 900\$000. Total, 10.458\$000.

Em Santa Catharina. — (Pessoal) 9 pousos, 6.846\$000. 4 passos, 1.512\$000. (Material) 700\$000. Total, 9.058\$000.

Total para 9 pousos nas duas provincias: — No Rio Grande, 7.224\$000. Em Santa Catharina, 4.746\$000. Somma, 11.970\$000.

A' vista destes resumos e do mais que fica demonstrado, a despesa de todas as obras a fazer na dita estrada é, por parte da provincia do Rio Grande de 50:000\$000 réis, e da provincia de Santa Catharina 42:100\$000 réis. Ao todo 92:100\$000 réis.

A despesa do custeio por anno, será na parte da provincia do Rio Grande 10:458\$000 réis, na de Santa Catharina 9:058\$000 réis; ao todo 19:516\$000 réis.

Estabelecendo-se um modico imposto viageiro e de pouso, além do das passagens, o producto virá a cobrir com muito excesso a despeza dos custeios, logo que se estabelecer e consolidar a concurrencia e regularidade do transitio.

Por parte desta provincia do Rio Grande, com alguns fundos já existentes para obras geraes, e com o auxilio que prestar o cofre provincial, póde desde já dar-se principio á obra.

Da parte do governo geral este dará á presidencia de Santa Catharina um credito de 42:000\$000 réis, bastando para a do Rio Grande do Sul 30:000\$000 réis, recommendando ou autorisando aos presidentes das duas provincias a obrarem de accordo quanto á direcção e detalhes da execução das obras a fazer.

Junto apresento não só o plano modelo dos ranchos para pousos, e o orçamento detalhado de cada um, mas tambem o mappa topographico, levantado pela commissão dos terrenos, rios e lagoas que ella transitou e reconheceu.

Estabelecidos os pousos, os primeiros que desde logo aproveitarão as suas vantagens serão os viandantes cavalleiros, que poderão vencer 12 a 15 leguas por dia, ou mesmo as familias que viajarem em carretas, ou sejes, poderão vencer a jornada de 5 a 10 leguas.

A estrada assim montada e estabelecida a frequencia de transitio, além de outros melhoramentos já indicados, deverá produzir o estabelecimento de vapores, ou por empreza particular, ou por conta do governo, desde á Lagua até a cidade do Desterro, capital da provincia de Santa Catharina, o que tornará tão completa como rapida e segura a communicação da provincia do Rio Grande como a capital do Imperio. E nem será difficil ao governo Imperial fazer um contracto addicional para esse fim com a Companhia de Paquetes do Sul, de modo que de Janeiro de 1858 em diante ponha regularmente a navegar um pequeno vapor entre aquellas duas cidades.

Tendo antes dito que em seguimento á linha de pousos deveria estabelecer-se por empreza particular um serviço de diligencias, direi em breves palavras o meu pensamento sobre a realisação desta empreza. Poder-se-á organizar uma companhia com o fundo de 1.000 contos, representado em acções de 100\$ ou de 200\$. Entrada parcial do valôr das acções na razão de 20 % de cada uma; a primeira entrada logo no acto da subscrição, ao formar-se a companhia, ou outras successivamente em prazos não inferiores a 4 mezes, até se realizar a entrada completa do valor das acções.

A companhia das Diligencias poderá ser subvencionada com

20 % dos fundos que empregar, ou com uma prestação fixa até 1:600\$000 por mez, e de 10 % nos 6 annos subsequentes, ou prestação fixa de 800\$000.

A subvenção principiará a dar-se logo que esteja montado um serviço regular de carros, em effectividade, na seguinte proporção:

1ª. Havendo 2 carros promptos (sendo um de reserva), e dando uma viagem redonda por mez.... uma meia prestação mensal.

2ª. Dando 2 viagens redondas por mez ou mais, tendo 4 carros promptos (sendo 2 de reserva).... a prestação por inteiro.

3ª. Não completando viagem redonda de Porto Alegre á Laguna..... metade da quota correspondente.

4ª. Sendo viagem redonda de meia linha entre os pontos extremos e as Torres..... metade da quota correspondente.

Juntas acompanham duas notas, uma orçando a despesa para custear e montar o serviço das diligencias, e designando as taxas de passagens nos mesmos; outra esclarecendo o modo porque se acha estabelecida em duas linhas uma igual companhia no Estado Oriental, percorrendo a 1ª. de Montevidéo a Serro Largo, 100 leguas; a 2ª. de Serro Largo á povoação de Artigas, em frente á cidade de Jaguarão, 20 leguas. Ao todo 120 leguas.

Poderá ser organizada uma companhia distincta, ou em cada provincia, tomando cada uma a seu cargo metade da linha até ás Torres, ou, o que melhor será, uma só companhia privilegiada e subvencionada para a linha inteira.

As assembléas das duas provincias poderão concorrer para a subvenção fixada com uma quota até 1/3 da mesma subvenção.

O Governo geral deverá recommendar aos dois presidentes que obrem de accôrdo, e que promovam a organização da companhia em commum, ou separadamente, para toda ou metade da linha.

São estes os esclarecimentos que tenho a dar-vos sobre o importante objecto da via de transitio entre a cidade de Porto Alegre e a Laguna, e serviços annexos de diligencias, e transporte em barcas de vapor. São simplesmente as bases principaes, pois quanto aos accessorios e detalhes, poderão ainda soffrer algumas ligeiras modificações.

Talvez fosse por demais minucioso e extenso, mas tal é a importancia que ligo a este assumpto, que julguei dever apresentar completo o meu pensamento de modo a que fizesseis um juizo exacto de sua utilidade e exequibilidade.

Propôr a idéia foi a minha obrigação, abraçal-a e melhoral-a, ou, se não a julgardes bôa, regeital-a, será a vossa.

Porto Alegre, 8 de Novembro de 1856.

Os Farrapos em Santa Catharina

Chronica da guerra civil no Rio Grande do Sul
pelo Capitão Tobias Becker

1835 A 1840

CAPITULO V

(*Continuação da pagina 216*)

Duas victorias dos revolucionarios contra o governo. — Torres cahe em poder dos lagaeos. — O 2º. corpo segue para o Rio Grande. — A Vaccaria é restaurada do poder republicano. — Os republicanos retomam Torres. — A fronteira de Lages. — Os emigrados na Laguna. — Navios arribados. — Sepulveda e Varella.

No dia 2 de Abril de 1833 Araujo Ribeiro officiaava ao presidente de Santa Catharina pedindo-lhe para estabelecer o acampamento de toda a força que pudesse dispor na margem esquerda do Mampituba, o mais proximo do passo das Torres.

Duas completas victorias conseguiram as forças republicanas contra as forças imperiaes nos dias 7 e 8 de Abril. Achava-se acampado em Piratiny, no passo do Acampamento, com 600 homens, o major João Manoel de Lima e Silva, commandante interino das armas por parte dos revolucionarios, quando foi informado de que na cidade de Pelotas se achava somente uma pequena força imperial, composta de pouca cavallaria, 70 a 80 caçadores recém-chegados do Rio de Janeiro. Com a protecção da noite, elle marcha em direcção áquella cidade, onde chega pela madrugada do dia 7, e cahe sobre ella de surpresa, obrigando o inimigo a refugiar-se no sobrado do cidadão Ribeiro, ali pondo-se em defensiva até ás 3 1/2 horas da tarde, quando foi obrigado a capitular, ficando toda a força prisioneira, inclusivé o major commandante Manoel Marques de Souza, o capitão Lopes, o tenente Motta e os alferes Victor, Moraes e Luiz Manoel.

Ao escurecer, Lima e Silva retirou-se para Santa Barbara, arredores da cidade, acampando nos poteiros do cidadão Manoel Alves.

Pelas 6 horas da manhã appareceu na cidade o coronel Albano de Oliveira Bueno á frente de uma divisão imperial, e de-

pois de vivo fogo foi elle compellido, por cargas successivas, a retirar-se até á margem do rio S. Gonçalo, onde tentou passar apoiado pelo fogo das canhoneiras imperiaes ali fundeadas, não o conseguindo, porém, devido aos continuos ataques que soffreu. Toda a divisão de Albano foi derrotada, morrendo grande parte afogada no rio e cahindo elevado numero de prisioneiros nas mãos dos revolucionarios, achando-se entre elles o proprio Albano e o tenente João Machado da Silveira. Muito armamento e munições tambem cahiram em poder dos revolucionarios, que só tiveram 5 mortos e 10 feridos.

Nas Torres achava-se uma força republicana: no dia 9 de Abril, pelas 6 horas da manhã, foi aquelle ponto tomado por uma força governista commandada pelo capitão Francisco Pinto Bandeira, sendo preso o tenente-coronel Pedro Pinto, o tenente Alpoim e 25 soldados de 1.^a linha, sendo igualmente tomadas duas peças de calibre 9. Esse ataque foi feito sem ser preciso dar um tiro, sem haver uma só morte, ficando todos os paizanos livres.

No dia seguinte, retirava-se Pinto Bandeira, com a sua gente, levando os prisioneiros e indo reunir-se a outras forças (que no mesmo dia tinham atacado outros pontos), para conjunctamente marcharem sobre S. José do Norte, onde se achava Onofre. Em Torres deixou o Juiz de Paz, Dionizio José Luzitano, encarregado da defeza daquelle ponto, e officiou ao presidente de Santa Catharina pedindo remetter força para guardar aquelle local.

A 15 de Abril, Araujo Ribeiro officiaa a José Marianno relatando a derrota de Albano em Pelotas, e opinava que, apesar disso, o aspecto da causa da legalidade era favoravel.

A 18 de Abril o Ministro da Guerra approvava o procedimento do presidente de Santa Catharina com relação aos officiaes implicados na revolta da Laguna, recommendando-lhe, porém, que não deixasse impune nenhum dos cúmplices desse movimento sedicioso, fazendo responder a conselho de guerra os officiaes e praças mais compromettidos, sendo conservados presos sem a menor condescendencia para que, desde então, comesçassem a sentir os effeitos do castigo que mereciam, recommendando não poupar meio algum para que fosse dado um rigoroso exemplo proveitoso para o futuro daquelle corpo.

Nos dias 17 e 19 seguio o 2.^o corpo para o Rio Grande no palhaborde *Maria Barbosa*, hiate *Vinte e Quatro de Outubro* e brigue *Balão*. Na primeira dessas embarcações iam dois 1.^{os} tenentes, um 1.^o sargento, um furriel, um corneta e 14 soldados; na 'segunda ia

o commandante, o sargento ajudante, o sargento quartel-mestre, o corneta-mór, um capitão, dois 2^{os} tenentes, um 1^o sargento, cinco ditos 2^{os}, dois cabos, cinco cornetas e trinta e oito soldados effectivos, um ajudante, um cirurgião-mór, dois artifices e um soldado, addidos e aggregados; finalmente, na 3^a ia o quartel-mestre, um 1^o tenente e dois soldados. Estes dois últimos seguiram no dia 19.

Somente deixára de seguir o 1^o tenente Manoel José de Souza Conceição, que por ordem do Ministro estava encarregado dos armazens do deposito de Artigos Bellicos.

O palhabote *Maria Barboza*, onde ia tambem o major Alano, arribou no dia 18 ao porto do Desterro. Em vista disso, José Mariano fel-o seguir em conserva do hiate *Vinte e Quatro de Outubro* que, como disse, largára do Desterro a 19.

Do seu acampamento em Palmares, proximo a Tramandahy, em data de 16 de Abril de 1836, o capitão Pinto Bandeira dizia ao Juiz de Paz das Torres, Dionizio José Luzitano, que as forças da cidade do Rio Grande tinham passado para a villa de São José do Norte afim de atacar Onofre, e que este levantára acampamento, e seria provavel que se escapasse para o Norte, pelo littoral, indo para Santa Catharina, pelo que recommendava cautela.

São Francisco de Cima da Serra, no Rio Grande do Sul, se achava em poder dos revolucionarios, os quaes na Vaccaria tambem se achavam em grande maioria.

Em Fevereiro de 1836, vespera de carnaval, o Juiz de Paz dessa villa, sargento-mór Quintiliano José de Moura, perseguido pelos republicanos, passou a vara ao Juiz de Paz supplente, fugindo para a Laguna.

No dia 20 de Abril chegou á Lages a noticia de que a Vaccaria havia sido restaurada pelos legalistas; e Quintiliano, que estava de viagem para o Desterro, seguiu para a Vaccaria, acompanhado pelo cidadão Laureano José Ramos, com dois filhos e um irmão, todos armados e municidados, tendo-lhe precedido uma proclamação que elle enviava ao povo da Vaccaria, da qual era portador Antonio Silveira dos Santos.

Ao chegar ao passo de Pelotas recebeu elle um officio, com data de 24 desse mez, de José Luiz Teixeira, capitão-commandante da Guarda Nacional daquelle districto e chefe da reacção, no qual convidava-o a empossar-se do cargo de Juiz de Paz, o que elle fez, sendo recebido com o maior regosijo pelos habitantes daquelle villa, que, em numero de 200, tinham pegado em armas contra os revolucionarios, então de posse daquelle districto, desde o dia 20 de Setembro de 1835.

Quintiliano, querendo acautelar o dinheiro da collectoria de Santa Victoria, que via em risco de cair em mãos dos revolucionarios, cujas idéas o dito collector commungava, fez com que este se passasse com os fundos sob sua guarda para a margem esquerda do rio Pelotas, afim de pô-los em segurança.

(Continúa).

Le Songe

*Le laboureur m'a dit en songe: « Fais ton pain;
Je ne te nourris plus, gratte la terre et sème. »
Le tisserand m'a dit: « Fais tes habits toi-même. »
Et le maçon m'a dit: « Prends la truelle en main. »*

*Et seul, abandonné de tout le genre humain,
Dont je trainais partout l'implacable anathème,
Quand j'implorais du ciel une pitié suprême,
Je trouvais des lions debout dans mon chemin.*

*J'ouvris les yeux, doutant si l'aube était réelle.
De hardis compagnons sifflaient sur leur échelle;
Les métiers bourdonnaient, les champs étaient semés;
Je connus mon bonheur et qu'au monde où nous sommes
Nul ne peut se vanier de se passer des hommes;
Et depuis ce jour-là je les ai tous aimés.*

Sully Prudhomme

O que se denomina progresso material não é senão a forma exterior do progresso moral. — Roger de Fontenay.

Toda mercadoria é moeda e toda moeda é uma mercadoria. — Turgot.

O maior hotel do mundo está em Chicago, nos Estados Unidos da America do Norte. Possui nada menos de 1.172 quartos de todas as cathegorias.

Ha no Mexico uma montanha quasi que unicamente composta de ferro e de mineraes de ferro.

HYGIENE POPULAR

O AR

(Continuação da pag. 218)

O ar que respiramos não deve chegar directamente aos bronchios. Esse ar é naturalmente *peneirado* e um pouco aquecido na sua passagem através do nariz e da garganta. Essa *peneiração* presta grandes benefícios, e isto se concebe facilmente. A função do nariz é de operal-a, e é por isso que o nariz é guarnecido interiormente de pequenos cabellos, ou pellos. O nariz constitue a abertura do aparelho da respiração. **E', portanto, pelo nariz que se deve sempre respirar e não pela bocca.**

As pessoas que respiram pela bocca são expostas a todas as molestias da garganta, dos bronchios e dos pulmões, porque as poeiras do ar, poeiras inertes ou microbiannas, penetram facilmente no aparelho respiratorio desde que são aspiradas pela bocca.

Não é raro, entre as creanças, o habito de ter a bocca aberta, o que lhes dá a apparencia de pascacios. Isso pode não passar de um habito, que, entretanto, precisa ser corrigido sem demora, mas também pode ser, e o é quasi sempre, a consequencia de uma molestia, ignorada, do nariz, ou da presença, na cavidade que se acha entre o nariz e a garganta, de vegetações especiaes, especies de tumores da pelle interna do órgão, tornando difficil a respiração por este lado.

O habito pode ser corrigido pelos conselhos, persuasão e bom exemplo. No outro caso, a intervenção do medico e, principalmente, do cirurgião, é necessaria para extirpar vegetações que podem comprometter o desenvolvimento do corpo da creança.

O nariz precisa de especiaes cuidados de limpeza, porque recebe todas as impurezas do ar. **E' conveniente limpá-lo sempre; e deve-se, mesmo, tomar o habito de sorver cada dia, pelo nariz, um pouco de agua pura ou de agua salgada** (uma colherinha de sal puro para um litro de agua). Se a vossa profissão vos expõe a viver nas poeiras, é preciso redobrar de precauções.

Não nos esqueçamos de respirar pelo nariz, e de aconselhar isto ás creanças, pois assim evitaremos muitos males physicos e, como consequencia, varias miserias moraes.

AS NEBLINAS

A neblina é constituida por moléculas de agua em suspensão no ar. Seu effeito malsão tem sido muito exagerado. A agua em suspensão no ar não pode causar grande mal; somente as neblinas resfriam os corpos, e pelos tempos de nevoeiro o ar não é

sufficientemente agitado e as camadas malsãs não são renovadas. E' sob este ponto de vista que se pode affirmar que as neblinas são perniciosas.

OS VENTOS

No nosso paiz (Belgica), mau grado as multiplas e bruscas variações do estado atmospherico, os que melhor saude gozam são aquelles que affrontam todas as intempéries e não se importam nunca de que lado sopra o vento.

Nas cidades a população tem um receio exagerado dos ventos. Não se sae de casa sem certificar-se, primeiro, do estado dos ventos. E, entretanto, vêde a inconsequencia: essas mesmas pessoas que tremem ante qualquer movimento do ar, vão, para rehaver sua saude, permanecer á beira dos mares, onde o vento continuamente faz-se sentir com intensidade.

Si eu não tivesse agua, dizia Priesnitz, faria as minhas curas por meio do ar.

II

A LUZ

ACÇÃO DA LUZ - CONSELHO DE HYGIENE DOMESTICA.

A luz do dia tem uma grande influencia, como todos sabem, sobre as plantas e sobre os animaes.

Quem ignora que a planta privada de luz fenéce e morre; que os terrenos ficariam improductivos sem a acção do sol; que certas flores fecham-se á noite, abrem-se de dia e se voltam para o sól?

Desde que a escuridão da noite chega, os animaes abrigam-se e ficam em silencio, descansando; mal o sol apparece no horizonte, o animal sahe do somno, morte apparente, e renasce á actividade: os passaros cantam, os quadrupedes correm. O sol é a vida. Comprehende-se, por isso, a razão da idolatria que certos povos selvagens votam ao sol. Ella se apoia sobre uma observação de cousas naturaes.

Relativamente ao homem, a acção da luz tem uma influencia consideravel, á qual, entretanto, não havemos prestado sufficiente attenção. Olhae a physionomia do mineiro, privado do sol, e a do lavrador, que trabalha em plena luz.

De todas as flores, dizia Michelet, a flor humana é a que mais necessidade tem de sol.

Lembraí-vos dos pensamentos tristes que vos atormentam nos dias escuros e chuvosos, e da alegria natural que provoca um bello dia resplendente de sol.

As propriedades tónicas e reconstituintes da luz solar sobre os tecidos do corpo e sobre o sangue têm sido utilizadas em medicina para curar uma molestia muito vulgar — a **anemia**.

Produzem magníficos effeitos os banhos do sol. Em quartos especiaes, abertos de um lado, e guarnecidos de vidraças, estende-se o doente, nú, com a cabeça coberta afim de não receber raios muito intensos.

Collocai, portanto, vossos convalescentes em pleno sol, tomando a precaução de lhes resguardar bem a cabeça; tratai vossos rheumatismos expondo vosso corpo aos raios benéficos do astro da vida.

A medicina também se serve, com successo, de banhos de luz electrica; e nestes ultimos tempos os raios luminosos, denominados *Raios X*, têm servido para curar affecções da pelle: os tecidos mortificados retornam admiravelmente á vida sob os effeitos dessa luz.

As pessoas que vivem continuamente em lugares privados de bastante luz não são unicamente sujeitas á pobreza de sangue, á pallidez; a vista também, e sobretudo, ressentem-se da privação da luz, porque o habito á escuridão não se pode obter senão a preço do enfraquecimento dos órgãos que percebem a luz.

E' um facto conhecido de todos que os homem habituados aos grandes horizontes banhados de luz, ao mar, aos campos, têm os olhos mais claros, mais são e mais bellos do que as pessoas que vivem a fixar a vista sobre trabalhos minusculos, em officinas mal alumadas.

Sobre as idéas e sobre o character o effeito da luz faz-se sentir, então, com uma força surprehendente. A escuridão torna o homem triste, impressionavel, accessivel a maus sentimentos e, particularmente, á covardia. O homem collocado em plena natureza, em pleno sol, vê claro, justo; aprecia a liberdade e é naturalmente impellido a ser bom.

Dr. Terwagne.

(Continúa)

A vida do homem de bem é uma préce continua, uma communhão perpetua com seus semelhantes e com Deus. — **Léon Denis.**

Republica Catharinense

(Documentos para a sua historia)

(Da collecção do Sr. Capitão de Mare e Guerra Henrique Boiteux)

(Continuação da pag. 208)

1839 — Novembro 23 — Tomada da Laguna pela esquadilha imperial. — Ilmo. Exmo. Sr. — Tive a honra de participar á V. Ex^a. a feliz entrada da Laguna pela força naval e de terra, mas não o podia fazer com as particularidades da acção e final resultado, porque, quando o participei, ainda estava dando providencias, e em laborioso trabalho. Foi a 15 de Novembro o dia que a providencia tinha destinado para que a divisão naval, que tenho a honra de commandar, em operações na provincia de Santa Catharina, se cobrisse de eterna gloria, e fizesse triumphar as armas do nosso Augusto Imperador. Noticias aterradoras circulavam e todos os dias os emissarios do inimigo as espalhavam apresentando providencias por elles tomadas, as amarras de ferro fechando a barra, e ultimamente embarcações cheias de pedras mettidas no fundo, me punham nas mais apuradas e tristes circumstancias, e muito mais porque o lugar onde tinha aportado era dos mais desabridos para conservar-me; a brigada de operações com falta de cavallos, e os poucos que haviam sem pastos, e a falta de mantimentos se ia experimentando e punham no maior cuidado o Sr. tenente-coronel José Fernandes dos Santos Pereira, commandante da 1^a. brigada; a confiança que nós mereciamos de V. Ex^a., mais fazia esforçar nossos desejos a pôr difficuldades, que a cada passo se accumulavam; esgotei minhas fracas idéas em planos, que logo distrahia á proporção que me occorriam, pois ardua era a empreza em um lugar que tinha a passar com as embarcações, onde um tiro de pistola cruzava da fortaleza ao banco, muito mais havendo embarcações de guerra em linha, 6 peças de artilharia na fortaleza, fuzilaria e differentes obstaculos; esgotei, pois, todas as minhas idéas e deliberei, no dia 14, o ultimo plano, e o communiquei a varios commandantes, e elles me prometteram antes succumbir com

honra, quando a sorte nos fosse adversa, do que praticarem a menor acção em menoscabo de nossas armas; nutrido dos mesmos sentimentos, não esperei mais que patentear o meu plano ao distincto Sr. tenente-coronel José Fernandes dos Santos Pereira, commandante de 1.^a brigada, e o puz em pratica logo que o vento norte me foi propicio; dei as minhas ordens e dispuz a força naval da maneira que se segue: canhoneira nº 14, ao mando do muito intrepido 2.^o tenente Manoel Moreira da Silva; lanchão nº 1, ao mando do bravo guarda-marinha Joaquim Rodrigues da Costa; e nº 3, ao mando do valente escrivão José Manoel da Silveira; e nº. 4 ao mando de um patrão; todas estas embarcações, guardadas com 150 marinheiros de abordagem, deverião abordar a escuna de guerra *Itaparica*, para a metterem no fundo, ou desfazer as correntes, si acaso as tivesse, afim de poderem entrar as embarcações; e ainda que, com dôr do meu coração, eu conhecia que deveria perder pelo menos metade destas guarnições, contudo criticas eram as minhas circumstancias, e mais glória caberia aos que escapassem, por terem o arrojo de irem abordar uma embarcação de guerra debaixo de uma bateria a menos de tiro de pistola, e uma cortina com mais de cem fuzis; 4 barcas de guerra e 5 com fuzilaria; seguiam-se pela pôpa, a duas amarras de distancia, as canhoneiras ns. 6 e 13, commandadas pelos denodados 1.^{os}. tenentes Francisco Pereira Pinto e Francisco Luiz da Gama Rosa, com o designio de distrahir parte do fogo que a fortaleza e embarcações deveriam fazer sobre os lanchões: tres amarras pela pôpa destas canhoneiras, o patacho *São José*, o brigue escuna *Eolo*, o brigue escuna *Concha*, escuna *Bella Americana*, patacho *Desterro*, a canhoneira *Bellico*, em distancia de meia amarra, uma das outras. Assim acommettemos a fortaleza e embarcações de guerra, que em todos os sentidos nos faziam terrivel fogo: o signal de bandeira nacional no tope grande do brigue escuna *Eolo*, onde eu ia, repetido por toda a divisão naval, indicava — Imperador — o dever da leal e denodada marinha brasileira. A este signal nada mais se ouvia senão fogo e vivas ao nosso caro e augusto imperador, o Sr. D. Pedro Segundo, e eu via bater com o maior enthusiasmo as nossas bravas guarnições, como quem lhes faltava o tempo para anniquilar seus inimigos. Cortada a linha inimiga pelo denodado 2.^o. tenente Manoel Moreira da Silva, foram entrando todas as embar-

cações e em menos de uma hora estava o inimigo derrotado e vencido e algumas embarcações em fuga. Ellas se achavam fundeadas em semi-circulo, sendo as escunas de guerra *Itaparica*, *Libertadora* e *Cassapava*, canhoneira *Lagunense*, e cinco embarcações, com fuzilaria, e logo se seguiam o palhabote de guerra *Seival* e canhoneira *Sant'Anna*, os quaes, fugindo em breve tempo, foram presas da escuna *Bella Americana*, e lanchões n^{os}. 1 e 3, sem que se pudesse apanhar a guarnição, por fugirem por cima dos baixos; mandei abordar as embarcações, porém o inimigo pegou fogo na escuna *Itaparica*, *Libertadora* e duas embarcações menores; atalhou-se o fogo de um patacho novo, e a escuna *Cassapava* foi ao fundo pelos rombos que soffreu, porém está já sobre fundas para ser tirada. Completa foi a nossa victoria, e derrotado o inimigo, pois até foram mortos todos os commandantes, menos o seu chefe José Garibaldi; tomámos 5 peças de artilharia da fortaleza, posto que estivessem na praia, 5 peças da *Itaparica*, e 3 rodizios das tres canhoneiras; finalmente a relação n^o 1 mostra as embarcações mercantes que tomámos e a de n^o 2 os mortos e feridos. Quando a divisão naval entrou na Laguna, ao mesmo tempo entrou na villa a distincta e brava columna commandada pelo benemerito tenente coronel José Fernandes dos Santos Pereira. Não posso particularisar commandante, official ou guarnição da divisão naval, porque todos se portaram com a maior intrepidez e valor; porém direi que a justiça reclama que o governo de S. Magestade deve ter muito em conta os serviços prestados pelo 2^o. tenente Manoel Moreira da Silva e todos os commandantes e que a marinha brasileira tem em si mesma officiaes distinctos. Toda essa gloriosa acção nos custou 17 mortos e 38 feridos de nossos companheiros e o apparelho das embarcações cortado. Deus Guarde a V. Ex^a. Bordo do patacho *Desterro*, surto na Laguna, em 23 de Novembro de 1839. Illmo. Sr. Francisco José de Souza Soares de Andréa, presidente e general. — *Frederico Mariath*, capitão de mar e guerra e commiandante de divisão. (Impresso avulso). — **Relação das embarcações aprisionadas.** — Palhabote de guerra *Seival*, com um rodizio de ferro de calibre 8, canhoneira *Sant'Anna*, com rodizio de bronze de calibre 9, canhoneira *Lagunense*, com um rodizio de bronze calibre 6, 4 sumacas, 7 hiates, 4 escunas, 1 patacho e 3 lanchões. — **Munições de guerra.** — 1 caixão de mochilas, 1 de correame,

50 bayonetas, 20 espadas, 1 caixão de cantins, 20 caixotes com balas e metralhas, 100 lanças, 25 pistolas, 2.000 cartuchos embalados, 97 balas razas, de diferentes calibres, 230 metralhas de diferentes calibres, 4 peças de calibre 12; 5 peças de calibre 9; 1 cannada de calibre 9; 1 dita de calibre 6; 7 lanadas e soquetes. (*Correio Official* nº. 141, de 17 de Dezembro de 1839.)

(*Continúa.*)

D. João V e o clérigo pretendente

D. João V passeiava um dia, disfarçado, pelo Terreiro do Paço. Vio o rei que, dum bote que havia chegado ao caes, saltára um clérigo que, a julgar pelas apparencias, parecia ser da provincia; não quiz perder o ensejo de lhe dirigir a palavra para se divertir um pouco, conforme o seu louvavel costume, e para isso, fazendo-se encontrado com elle, e encetando a mais familiar conversação, perguntou-lhe que negócios o traziam por alli.

O presbytero respondeu que vinha implorar ao rei a concessão do beneficio de...

- E se elle tiver já dado? replica o desconhecido.
- Então peço-lhe o de tal...
- E se tambem estiver provido?
- Contentar-me-ei com o de tal...
- Imagine ainda que o rei lhe diz que está dado tambem.
- Nesse caso mando-o redondamente á...
- Basta, basta! Não diga mais!

Separaram-se.

No primeiro dia de audiencia, apparece o nosso clérigo perante o monarcha, repete-lhe um por um os mesmos requerimentos que havia já dito ao incognito, e oh! surpresa! recebe do rei fidelissimo as mesmas negativas, que no outro haviam sido apenas hypotheticas.

Esta coincidência desperta altamente a attenção do nosso provinciano, que por fim caindo em si, não só reconheceu no proprio rei o desconhecido, mas até terminou por dizer-lhe:

— Pois, senhor, o dito, dito, lá no Terreiro do Paço!

Valeu-lhe a liberdade e o sangue frio ser logo despachado, e pouco depois estava de posse do melhor dos taes beneficios.

THERMAS DO CUBATÃO

(DOCUMENTO INTERESSANTE)

A divisão denominada de VOLUNTARIOS REAES, mandada vir de Lisboa sob o commando do brigadeiro Frederico Lécor, depois Visconde da Laguna, e que desembarcou na antiga cidade do Desterro afim de seguir para a conquista da Cisplatina, era acompanhada por uma divisão ao mando do chefe de divisão Rodrigo José Ferreira Lobo.

Em a correspondencia desse official general da armada portugueza, e que infelizmente depois foi da nossa, encontrei o seguinte officio, que se refere a uma das fontes de riqueza do nosso Estado que por desidia ainda hoje espera aproveitamento. Julgando interessante a sua publicação, apresento-o aos leitores da *Revista*. Eil-o:

« Nº. 2. — Illmo. Sr. Permitta-me V. Ex^a. que eu lhe lembre as trez peças de campanha de calibre trez ou quatro, que lhe pedi, e que se não poderam apromptar, o que muito sinto, pois segundo as noticias que tenho de Maldonado, eu teria pela segunda vez a gloria de fazer tremular naquella villa o Pavilhão Portuguez, sem embargo de não ter as forças que tinha naquella occasião; comtudo pretendo tocar em Maldonado afim de observar se posso tentar algum projecto, que me possa servir de gloria, por que he difficulতোza empreza huma vez que se não tem Artilleria e por este motivo rogo á V. Ex^a. me faça a graça de as fazer remetter na primeira occasião, pois me devem ser muito precisas na minha commissão, logo que subir pelo Rio da Prata. — He igualmente do meu dever participar á V. Ex^a. que havendo eu hido com o Governador desta Capitania, e o novo Intendente da Marinha, ao sitio do Cubatão, onde estão as Agoas quentes, devo dizer á V. Ex^a. que ellas têm feito grandes prodigios em differentes individuos, que têm hido a tomar banhos sem aquelles meios, que tanto se requerem, o que prova bastante, que maiores beneficios farião logo que se faça o verdadeiro uzo, que de similhante remedio se costuma fazer em toda a parte; e pode V. Ex^a. segurar á Sua Magestade, que tem hum precioso Monumento nesta Capitania, e que inda pode vir a ser a felicidade della, huma vez que S. Magestade lhe dê a mais pequena protecção: o local onde estão as ditas Agoas he fertilissimo, e facil de cultivar parte delle; pode-se hir embarcado até á distancia de huma légoa pouco mais, ou menos, afastado das sobreditas Agoas, o que he grande couza para facilitar os transportes; emfim, Senhor, será hum grande beneficio para a Humanidade, que S. Magestade tome debaixo das suas vistas esta preciozidade, que a Natureza lhe offerece. D. G. a V. Ex^a. m. a. A. Bordo da Fragata *Tethys*, surta no Porto de Santa Catharina, 6 de Janeiro de 1818. — Illmo. e Exmo. Sr. Thomas Antonio de Villa-Nova Portugal. P. S. — Rogo á V. Ex^a. que na primeira occasião possivel me sejam remettidas algumas amarras de ferro; assim como hum Segundo Cirurgião para esta Fragata; e ao menos até cem praças de Marinhagem para repartir por todos os outros Navios da Esquadra. (Assignado.) *Rodrigo José Ferreira Lobo*, Chefe de Esquadra, Commandante. »

H. Boiteux.

A CIDADE DA LUZ

A ESCOLA

Queste parole...
Vid'io scritte al sommo d'una porta,
DANTE, *Inf.*

Vós que buscaes a senda da esperança,
Entrae: aqui ha mundos luminosos
N'um céu, que a mão, por mais pequena, alcança.

A alma aqui se refaz de ethereos gozos;
Vinde para o paiz da primavera,
Vós, que deixaes os mundos tenebrosos.
Tanta luz aqui dentro vos espera,
Que sahíreis estrellas redivivas,
Como as que brilham na azulada esphera.

Almas, das trevas lugubres captivas,
Abri as vossas azas rutilantes;
Entrae, bando de pombas fugitivas.
Nas curvas destes porticos gigantes
Haveis de ler uma inscripção, que alente
Os vossos vós inda vacillantes.

É aqui o paiz do amor ardente.
Quem entra, leva um peso aos pés atado,
Como o mergulhador do mar do Oriente,
Que sobe á tona leve e festejado,
E vem de tantas perolas coberto,
Que nem se lembra do labor passado.

Para encravar um éden no deserto,
Fazer um sol de um monte de granito.
E para vêr melhor o céu de perto,
Encostar uma escada no infinito,
Entrar pela estellifera voragem,
Ser razão o fanal, verdade o mytho,
E armado de tenaz, feroz coragem,
Arrasando os enigmas da vida,
Cavar nas trevas lucida passagem...

A isto esta cidade vos convida.
Entrae: por mais que a noite em vós se note
Tereis um astro á frente na sahida:
Da cidade moderna é luz o mote,
Que na porta da entrada arde e flammeja.
Entrae! a escola é cathedral, egreja;
Hostia — a sciencia; o mestre — sacerdote.

Luiz Delfino.

A CORVETA "DIANA"

ROMANCE MARITIMO, ORIGINAL BRAZILEIRO

POR

A. VON HOONHOLTZ

(BARÃO DE TEFÉ)

(*Continuação da pagina 223*)

Mas... aguenta-te! gritou elle, pois no mesmo instante o cavallo, percebendo um menino sentado á borda do caminho, deu um salto para a esquerda, sentou-se nas ancas e rodou sobre ellas com incrível rapidez, bufando com uma força extraordinaria e dando pulos continuos e descompassados.

Alfredo não perdeu sequer o estribo, e, impassivel sobre o animal, afagava-o, batendo com a palma da mão na larga taboa do seu pescoço: somente os olhos do mancebo brilhavam com mais fulgor, e denotavam uma especie de alegria selvagem.

Safaste-te bem da rascada, Alfredo, porém toma cuidado porque se uma destas te encontrar desprevenido fazem da quilha portaló.

— Não tenhas cuidado, estou mais certo de não sossobrar neste *buque*, do que se estivesse á bordo da "Diana".

O passeio continuou aprazivel por uma bonita estrada bordada de espinheiros, e somente de espaço a espaço passavam por alguma casinha ou chacara; finalmente chegaram a um lugar mais largo e onde, de um lado, se apresentava a vista toda da praia e barra do Norte, e á direita, na distancia de cem braças pouco mais ou menos, se via um gradil com portão de ferro, em frente ao qual meia dúzia de moças e um homem idoso conversavam e tomavam café; pouco antes uma ponte de 12 pés de altura e sem parapeito facilitava a passagem por cima de um riacho que desaguava no mar.

— Passa para a direita, Gustavo, o meu animal dá sempre pulos para a esquerda e num delles pode molestar-te.

Gustavo fez o seu cavallo caracolar e, postando-se á direita, tornou a recommendar todo o cuidado; o em que montava Alfredo cada vez se tornava mais inquieto e fogoso e antes de pizar sobre as táboas do pontilhão agachou-se, girou sobre os pés e começou de novo a bufar como um demonio, mas, emfim, obrigado a obedecer, atirou-se sobre a ponte e, quando estava justamente no meio

della, uma das moças levantou-se, talvez com medo fingido, e correndo para dentro virou a cadeira; o cavallo espantou-se, deu um furioso salto para a esquerda, e precipitou-se da ponte a baixo com o seu infeliz cavalleiro.

Um só grito de dôr se escapou de todos os peitos, e correram pressurosos em soccorro do desgraçado moço; Gustavo já tinha saltado do cavallo e procurava arrastar para fóra da agua o seu companheiro, que, tendo ficado por baixo do animal, luctára algum tempo para se desvencilhar daquelle peso enorme que o opprimia, e acabára por perder os sentidos com o atordoamento das contusões recebidas na cabeça e em diversas partes do corpo.

O mancebo foi conduzido a braços para a mesma casa em cujo portão se achavam as moças que involuntariamente haviam sido causadoras de tal desastre. Alfredo, aquelle joven cheio de vida que poucos momentos antes governava com tanto garbo o seu ginete, e com os olhos radiantes de prazer divertia-se em fustigar-o com o fino chicotinho, zombando da sua raiva e das repetidas cabriôlas com que intentava arrojá-lo ao chão; Alfredo, agora frio e inanimado, com as véstes rôtas e molhadas, e o rosto e cabellos emplastados pelo sangue, deixava-se conduzir para uma casa estranha num estado verdadeiramente deploravel.

Quando recobrou os sentidos era noite, vio-se em uma cama larga e macia, num quarto mobiliado com elegancia, e, graças a duas velas que ardiam sobre um aparador, poudo distinguir, ainda que com a vista muito turva, seu camarada Gustavo conversando com uma senhora sentada na outra extremidade do quarto.

— Onde estou?! murmurou elle com voz fraca, e, levando a mão á fronte, encontrou um lenço atado fortemente.

— Vejo a si! — disse baixinho uma voz, e macia e pequena mão afastou da testa a do mancebo que forcejava por tirar o lenço.

Alfredo pareceu surprehendido, voltou o rosto para o lado donde sahira aquella mãosinha, e seus olhos se encontraram com os de Amelia, que sentada á cabeceira da cama, observava inquieta os seus menores movimentos.

— Ah! exclamou elle, parece-me que sonho!... fazendo um esforço para se erguer, não o conseguiu, a debilidade era extrema e, pois, cahio outra vez sem sentidos sobre as almofadas.

A moça tornou-se ainda mais pallida, porém destampou rapidamente um vidrinho de ether que tinha junto a si e aproximou-o dos órgãos respiratorios do ferido, até sentir que se reanimava.

— Está salvo desta e prompto para outra, disse Gustavo, gracejando, agora o que convem é deixal-o repousar e não perturbar o seu somno.

Dito o que, sahio do quarto nas pontas dos pés, acompanhado pela moça que estivera sentada junto d'elle, e pelo moleque que ali fazia guarda. Amelia seguiu-os com a vista e assim que os vio desaparecer reclinou-se sobre a cama e imprimio um ardente beijo na face do joven, por quem sentira taes saudades, que só para vel-o pretextara um grave incommodo, afim de vir á cidade, mas a quem tornava a encontrar, por um infeliz acaso, em tão perigoso e lastimavel estado; quando tornou a sentar-se, suas faces queimavam e estavam rubras como carmim, seus labios seccos contrahiam-se em tremor nervoso e no emtanto as suas mãos frias como gelo pareciam de um corpo sem vida.

Mais tarde o dono da casa, o bom Dr. Carvalho, veio applicar novos pannos com arnica nas contusões do moço, e recolheu-se aos seus aposentos, mandando uma preta de confiança e seu pagem para o quarto do tenente.

Um silencio profundo reinava ahi, quando, pela volta das 11 horas, Alfredo estremeceu e exclamou:

— Larguem-me, soltem-me... ella morrer?... Não, meu Deus!... Amelia!... quero salva-la... Ah! malvados... agora morre tambem tu... e tu... morram todos tres, já que estou naddando em sangue... Depois soltou um gemido longo e afflictivo, seu peito arfava e o coração batia com violencia; a moça ficára ainda mais agitada e suffocava os soluços comprimindo o rosto sobre o travesseiro em que o enfermo repousava.

Pelas oito horas da manhã seguinte Alfredo despertou, e seu olhar parecia mais calmo; o sangue que perdera na vespera enfraquecera-o muito, mas, não obstante, reconheceu sem custo o seu amigo Gustavo e as orphãs da casa amarella, que não sabia como allí se achavam; mas recordando-se aos poucos do que lhe acontecera, agradeceu com sinceras expressões o carinhoso tratamento, e dirigindo-se ao seu companheiro.

— Gustavo, disse, manda apromptar os cavallos.

— Para que? perguntou este.

— Para irmo-nos embora, retorquiu Alfredo, basta de incommodar estas senhoras, e demais preciso ir quanto antes para bordo.

— Então está assim tão aborrecido da nossa companhia? perguntou Amelia, e sua voz chorosa quasi que a trahio.

— Não me julgue com tanta injustiça, D. Amélia, replicou elle ; e continuou, em tom sumido e frequentemente interrompido pelo cansaço : — depois de minha mãe é a senhora a quem eu mais estimo... e a imagem da virgem que velou sobre mim uma noite inteira... nunca mais se me apagará da mente... porém sou militar e tenho deveres a cumprir... além disto, não posso continuar a tratar-me em uma casa onde só vejo senhoras... todas moças e bonitas... que podem vir a soffrer no seu credito se este acto de humanidade... chegar ao dominio do publico, desse ente phantastico que ninguem conhece mas cujos milhares de linguas afiadas só se occupam em fallar da vida alheia!...

— Não lhe sirva isto de pretexto, disse Mariquinhas, esta casa é de nosso tio, o Dr. Carvalho, que foi quem hontem o curou e já esta manhã partio para a cidade, afim de referir o occorrido ao seu commandante e pedir-lhe uma licença para o Sr. tratar-se aqui até ficar perfeitamente restabelecido.

Meu tio é um excellente homem, e hontem tanto se impressionou com o desastre que lhe sobreveio por culpa de uma visita nossa que levou toda a noite a passear na sala em grande afflicção.

Hoje sahio mais consolado, porque, além de dizermos que o Sr. é nosso conhecido velho, promettemos servir-lhe de enfermeiras dedicadas.

— E como poderei eu mostrar-lhes o meu reconhecimento ? perguntou Alfredo, commovido.

— Amando-nos, disse baixinho Amélia.

— Nós nos damos por bem pagas com a sua amizade, retorquiu Mariquinhas.

Houve um momento de silencio, durante o qual Gustavo tomando o pulso do seu camarada, perguntou-lhe:

— Devêras te sentes bem, Alfredo ? não tens ainda a cabeça atordoadá ?

— Não, respondeu este ; estou completamente bom... e se as Sras. me concedessem licença por alguns momentos, procuraria ao menos levantar-me.

— Mas para que ? — disse Amélia — O Sr. ainda está muito fraco, fique pois hoje de cama e então amanhã se levantará.

— Se a Sra. soubesse quanto me custa estar deitado ! dê-me licença para sahir da cama, minha cara enfermeira, que prometto não deixar o quarto hoje... nem mesmo amanhã." E o moço acompanhou a supplica com um olhar tal que Amélia não poudé recusar.

(*Continúa.*.)

NOTAS

Revista do Estado

Em 15 de Agosto começou a sua publicação, na bella cidade de Joinville, a *Revista do Estado*, magazine bi-semanal sob a direcção do Dr. Placido Gomes. Expondo o seu fim, affirma o novel collega: "Somos dos que vêm para a imprensa de olhos fitos na formação definitiva do nosso character nacional, no que toca ao levantamento das nossas energias materiaes e espirituaes, firmeza de principios e animo forte de trabalho productivo, util ao individuo e ao paiz."

A *Revista do Estado* é servida por um magnifico trabalho typografico, e terá correspondentes em todos os municipios do Estado. Merece ser bem acolhida pelo publico e sel-o-a certamente.

Revista Catharinense

Levamos ao conhecimento dos nossos prezados assignantes que estamos procedendo á cobrança do 1º. e 2º. semestre do corrente anno, da nossa Revista.

Primeiro Congresso de Historia Nacional

No *Jornal do Commercio* de 11 de Agosto, do Rio de Janeiro, lemos que ao Primeiro Congresso de Historia Nacional alli reunido recentemente foram apresentados os seguintes trabalhos por escriptores catharinenses: Capitão de Mar e Guerra Henrique Boiteux — *A Marinha de Guerra dos Farrapos — Expedição á Santa Catharina — Restauração da Laguna — Annita Garibaldi*, (memoria). — Dr. José A. Boiteux — *Os Partidos Politicos de Santa Catharina* (1821-1871) memoria. — Capitão-Tenente Lucas Boiteux — *A Esquadra nas Lutas da Independencia*. — Cochrane. — Major Dr. Liberato Bitencourt — *Guerra contra o Paraguay — Operação da Esquadra*.

Elixir de Nogueira do pharmaceutico chimico SILVEIRA, cura bobas, bobões e corrimento dos ouvidos.

Romeu Ulysséa

A *Revista Catharinense* apresenta, com prazer, seus cumprimentos e votos de feliz permanencia na terra natal ao distincto e talentoso moço jornalista Romeu Ulysséa, nosso collega da *Noticia*, conceituado diario do Rio de Janeiro

Club Sportivo

Recebemos communicação, que agradecemos, de ter sido impossada em 20 de Julho ultimo a nova directoria do Club Sportivo, de Florianopolis, composta dos Srs.: Jayme Linhares, presidente; Oswaldo Reis, vice-presidente; A. Tolentino de Souza, 1º. secretario; Narbal Viegas, 2º. secretario; Pompilio Pereira Beuto, 1º. thezoureiro; Lauro Carneiro, 2º. thezoureiro.

Elixir de Nogueira do pharmaceutico chimico SILVEIRA é conhecido ha mais de 20 annos em todo o Brazil.

Não augmentou de preço

Sabemos que a importante firma VIUVA SILVEIRA & FILHOS, proprietaria e unica fabricante do Grandé Depurativo do Sangue *Elixir de Nogueira*, formula do Pharmaceutico-Chimico João da Silva Silveira, não elevou nem elevará o preço de seu producto. O consumidor continuará a compral-o em optimas condições nas pharmacias e drogarias desta cidade.

" Transcripto do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro com data de 12 de Agosto de 1914."